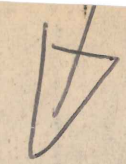
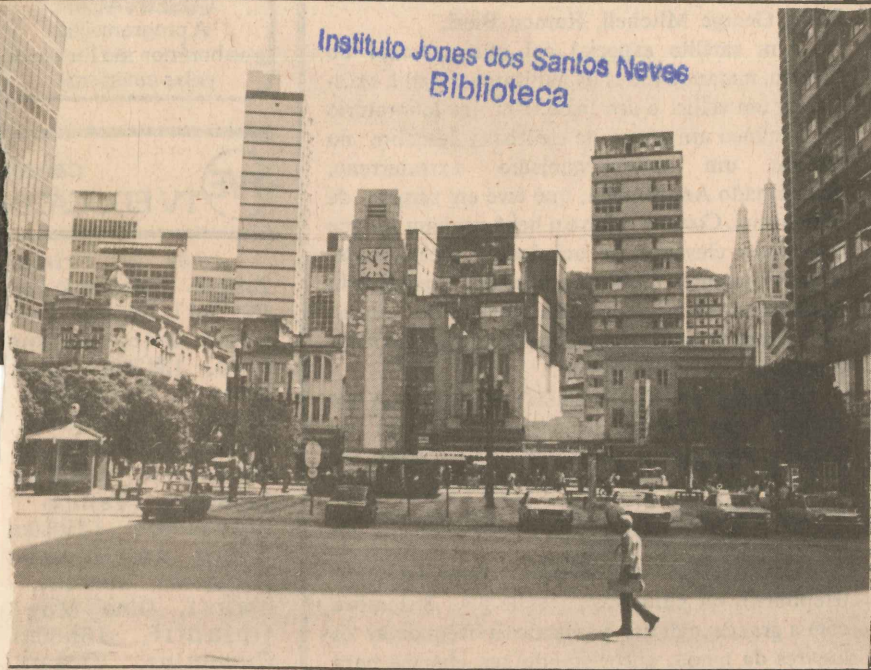


AJ00741

Quase 80 anos depois,



a Praça & que o progresso construiu



A Praça Oito não é mais praça há muito tempo. O progresso se incumbiu de modificar sua paisagem completamente. De um local tranquilo, ponto de encontro de namorados e políticos, onde fervilhavam boatos, ela se transformou em passagem obrigatória de pedestres espremidos entre a pressa e um comércio desordenado. O “coração da cidade” bate hoje descompassado.

Mauro Sérgio Loureiro

No final do século XIX, Vitória tinha características de forte, porque, além de guardar ouro, servia de local de vigilância contra os invasores que se aproximavam através da baía. Por isso, os moradores permaneciam sempre recolhidos em suas casas. Naquele tempo, as ruas eram estreitas e serviam apenas de ligação entre as casas.

Naquela época, a praça Oito de Setembro, anteriormente conhecida como praça Santos Dumont, era o principal ponto de encontro de pessoas de todos os segmentos da sociedade capixaba. Governadores, prefeitos e outras

fechados. A partir daí, sentiu-se a necessidade da expansão da Capital, quando se deu início à descentralização, tendo surgido primeiramente os bairros de Santo Antônio e Jucutuquara. Posteriormente ocorreu a ligação do centro da Capital com o município de Vila Velha, através dos bondes e da ponte Florentino Avidos. Os bondes passaram a ligar Vila Velha, Santo Antônio, indo até Novo Arrabalde, hoje Praia do Suá.

Com isso, novos pontos de encontros foram surgindo. Os comícios políticos que eram realizados exclusivamente na praça Oito, parque Moscoso ou praça Costa Pereira, passaram a ser realizados também em Camburi, na praça do bairro Antônio



Hoje. Quase 80 anos depois, a praça Oito ganhou muitos arranha-céus. O relógio já não toca o hino do Espírito Santo. Os governadores, prefeitos e outras autoridades preferem se reunir em gabinetes fechados. E a sociedade se dirige a outros pontos à procura de lazer. Mas, ainda assim, a praça Oito continua sendo o coração da cidade.

— A praça Oito, do meu tempo, era muito pequena. Girava em torno de 40 mil habitantes. O comércio era muito pequeno. Nos movimentos políticos,

Os bares, quiosques e cafês realmente se destacavam. Mas o coreto era motivo de maior atração. Jovens, religiosos, autoridades, todos, enfim, nos domingos e feriados se dirigiam para a praça a fim de ouvir a Banda de Música da Polícia Militar do Espírito Santo, que segundo o ex-prefeito, era muito eficiente; famosa em todo o País e proporcionava verdadeiros espetáculos na praça.

Por volta de 1940, o coreto foi demolido para dar lugar à construção de um monumento em homenagem à Colonização do Solo Espírito-Santense. Esse monumento tinha a forma de uma pirâmide, colocada sobre quatro bolas e estas ficavam colocadas sobre um plinto (peça quadrangular que serve de base a um pedestal).

Posteriormente, o monumento foi demolido e em seu lugar foi construído o relógio, que também é considerado uma atração, principalmente para turistas. Mas ele já foi mais atraente, quando executava parte do Hino do Espírito Santo. Hoje dificilmente marca as horas certas.

A praça Oito também é lembrada pelos jovens que a frequentavam no início da década de 60. Enquanto o ex-prefeito Adelpho Monjardim lembra que em sua época, não se via, sequer, um casal de namorados sentado na praça, na década de sessenta o local era o principal ponto de encontro dos estudantes para as paqueras.

Nessa época a Escola Normal Dom Pedro II estava em plena atividade e a disciplina era muito rígida. As estudantes, mesmo após as aulas, eram obrigadas a voltar para suas casas rigorosamente uniformizadas, com jaquetas, botões devidamente colocados, gravata e as mangas das blusas não-arregaçadas.

A praça Oito mais uma vez era o alvo. As estudantes se deslocavam até lá para namorar, e desses encontros surgiram vários casamentos. Um outro ponto muito procurado era a Sapataria Indígena. Sob o pretexto de que

segmentos da sociedade cabia. Governadores, prefeitos e outras autoridades inúmeras vezes estiveram reunidas ali, discutindo temas políticos, e muitas decisões importantes para o Espírito Santo foram adotadas.

A erradicação do café, imigrações e outras transformações que se processaram no Estado no decorrer do século XIX acabaram provocando diversas modificações na Capital, alterando especialmente a estrutura urbana existente.

Em 1908 foi inaugurada oficialmente a praça Oito de Setembro. Era tranquila e, em sua parte central, onde hoje está localizado o relógio, havia um coreto, onde, nos domingos e feriados, se apresentava a Banda de Música da Polícia Militar do Espírito Santo. A afluência de pessoas à praça era muito grande mas, ainda assim, tratava-se de um lugar sem muita agitação.

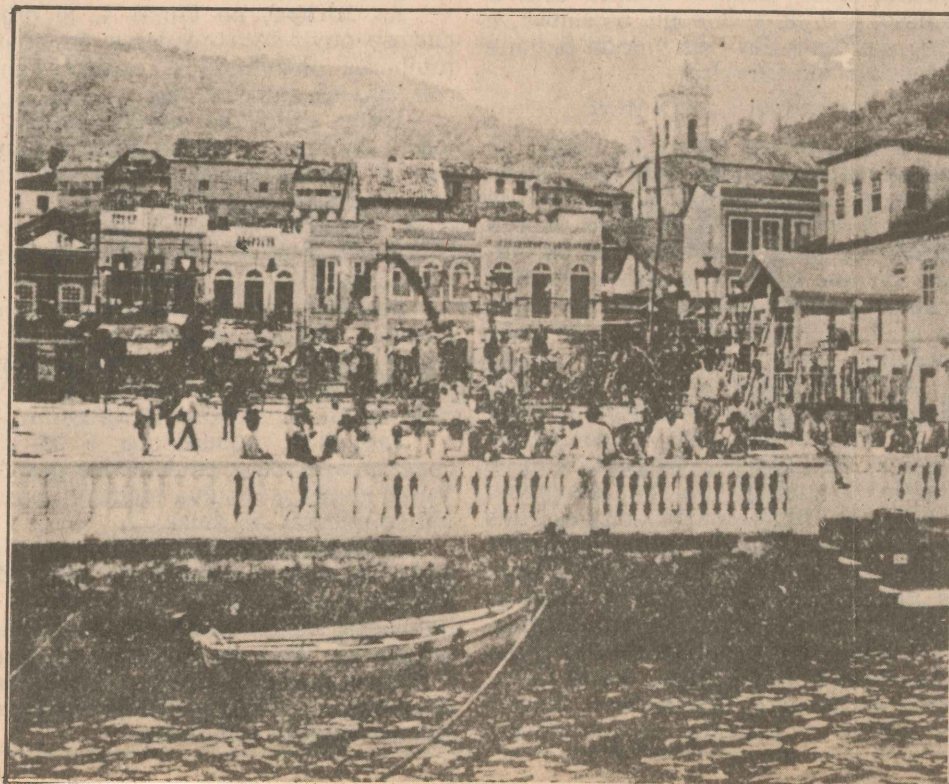
Ainda em torno de 1908 começaram a surgir os primeiros cafés, quiosques, que passaram a servir de pontos de encontro de poetas, intelectuais e de local para encenação de peças teatrais. A rua Duque de Caxias, por exemplo, tinha suas ramificações. Ali foram construídas algumas das principais pensões de Vitória e também cabarés, onde a pintora Nice Nascimento, que antes de se dedicar às artes plásticas, era cantora, se apresentava com muito sucesso.

A praça Oito foi fundamental para a mudança nas relações entre os moradores da cidade, que antes se encontravam em recintos

realizados também em Camburi, na praça do bairro Antônio Honório, em Goiabeiras, e em outros locais de Vila Velha e Cariacica.

Na verdade, as características iniciais da praça Oito acabaram desaparecendo, mas ainda hoje, mesmo com a criação de outras opções, o local é considerado o centro de inúmeros acontecimentos — políticos e comerciais.

Alguns moradores antigos do centro de Vitória se lembram com saudades do tempo da praça antiga. É o caso, por exemplo do ex-prefeito Adelpho Monjardim, que exerceu mandatos durante os governos Lacerda de Aguiar e Carlos Lindenberg.



— A praça Oito, do meu tempo de criança, quando fui para o Rio de Janeiro, era uma coisa muito diferente. Eu me lembro que em 1910, nós tomamos um navio alemão ali encostado no cais — que abrangia a pista onde hoje está a avenida Jerônimo Monteiro — e fomos para o Rio de Janeiro. Era a praça Oito, como hoje continua sendo, o coração da cidade de Vitória. Ali nós sempre discutimos assuntos desde a política até assuntos particulares.

O movimento comercial no centro de Vitória e especialmente na região da praça Oito, até 1940, era muito tranquilo como lembra o ex-prefeito de Vitória. “A população de Vitória até 1940 era

muito pequena. Girava em torno de 40 mil habitantes. O comércio era tranquilo e a movimentação comercial não era tão intensa. Hoje, tudo mudou. A praça Oito de hoje é completamente diferente daquele tempo. Hoje é um verdadeiro formigueiro humano.

O ex-prefeito, mostrando muita simpatia pela praça Oito, recorda que apesar da existência de outros pontos estratégicos como praça Costa Pereira, parque Moscoso, onde eram realizadas reuniões familiares, a praça Oito despontava como a mais procurada.

— Apesar da existência de tantos outros locais procurados, a praça Oito sempre foi a praça principal. Ali era tudo. Nas agita-

**Ontem — A foto mostra a praça Oito de 1908. Ela se localizava onde hoje está o ponto de ônibus. O atracadouro, com os seus tradicionais caiques, era um motivo de atração. Do lado esquerdo, onde foi construída, posteriormente, a alfândega, existiam canhões que serviam de proteção contra a chegada de piratas. Durante muito tempo a praça Oito foi o único ponto de encontros políticos, confidências familiares e, por que não, de “fococas”, como lembra algumas pessoas da época.**

ções, nos movimentos políticos, todo mundo procurava a praça Oito para comícios e reuniões.

Se a principal praça de Vitória sempre foi caracterizada por encontros políticos, reuniões de amigos, nem por isso deixou de ser palco também de acontecimentos violentos, como exemplifica Adelpho Monjardim:

“Eu me lembro que certa vez aconteceu uma cena muito violenta, muito triste, quando, numa madrugada, João do Pontão, um cidadão muito popular, conhecido de todos na cidade, travou um duelo com um capitão, um jogador. Os dois se encontraram, justamente no coração da praça Oito. João do Pontão ficou escondido atrás de uma árvore, onde se localizava a Joalheria Petrochi e o capitão se escondeu atrás de um poste que havia no ponto do bonde. João do Pontão, afobado, descarregou o seu revólver. O capitão, calmamente, contou os tiros do adversário e, ao perceber que a munição havia terminado, se dirigiu à vítima e a matou, descarregando sua arma. Esse foi um dos crimes, né? O resto... foram fatos políticos.

— Apesar de fatos dessa natureza, a praça Oito era um lugar calmo. Nós tínhamos ali o principal bar da cidade, que era o Globo. Era um café muito bem frequentado. Tinha também o bar Petrópolis, que era local de reuniões. A tarde, todos os banqueiros, o pessoal do comércio, se juntava ali para tomar seu uísque.

muito procurado era a Sapataria Indígena. Sob o pretexto de que iam comprar algum calçado, as estudantes se dirigiam para a Sapataria e também para o Helal Magazin, onde havia música ambiente, a fim de ver suas paqueras.

Hoje, quase oitenta anos após sua inauguração oficial, a praça Oito é completamente diferente. O seu lado romântico e descontraído foi esquecido. Os táxis, antes chamados carros de praça, passaram a ocupar o lugar deixado pelo bonde. Os vendedores ambulantes, em grande quantidade, dominaram completamente a área.

A praça Oito, hoje, serve apenas como uma passagem de pedestres. Os encontros políticos só acontecem em caso de comícios. Os governadores, prefeitos — de cartolas — não se dirigem mais para ali. Alguns prédios antigos foram demolidos, como o Hotel Europa. Onde hoje está localizado o Banestes, funcionava a loja **Bon Marché**. Onde funciona a Embratel, estava localizada a Alfândega. A avenida Jerônimo Monteiro, na época, não existia, porque era ali o cais de atracamento de barcos e navios, como lembra ainda o ex-prefeito Adelpho Monjardim.

Alguns intelectuais que frequentavam os bares existentes na época, quando discutiam assuntos diversos, políticos, teatrais, jornalísticos, como Fernando Tatagiba, Carlos Chenier, Amylton de Almeida, também recordam a praça Oito com saudades.